

## 1. Os 50 anos da Faculdade de Letras: passado e presente<sup>1</sup>

Armando Luís de Carvalho Homem

No preâmbulo do Decreto-Lei nº 43 864 de 17 de agosto de 1961, que restaurou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pode ler-se a dado passo, e reproduzindo uma das conclusões da Conferência Universitária de Istambul de 1955, o seguinte:

«(...) a história, as ciências e as humanidades nunca foram consideradas como rivais, mas como solidárias»

(*Diário do Governo* da mesma data, 1ª série, nº 190. Diploma transcrito por Luís de PINA, «Faculdade de Letras do Porto (Breve História)», in *Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol. 1 [único publicado] (1966), p. 59-172, *maxime* 74-8).

Pelas dezasseis horas e vinte minutos do dia 26 de outubro de 1962 iniciou-se no Salão Nobre do granítico edifício do Largo então chamado da Escola Médica uma cerimónia de que já poucos porventura se lembrarão, pese embora o relevo que ao tempo lhe foi dado pelos órgãos da Comunicação Social escrita da cidade. Tratava-se, di-lo-ei desde já, do primeiro ato formal de abertura das aulas da nossa Faculdade, restaurada em agosto do ano anterior mas só então, empossados os seus primeiros docentes e minimamente instalada em parte do antigo edifício da Faculdade de Medicina, só então, dizia, em condições de funcionar.

Do que foi essa cerimónia deram notícia os jornais do dia seguinte. Valho-me do relato mais pomenorizado, na circunstância, o do *Jornal de Notícias*.

Presidia o Subsecretário de Estado da Educação, Dr. Carlos Eduardo Bastos de Soveral, ele próprio docente da nova Escola, embora temporariamente impedido de exercer por força do seu cargo. Presente, naturalmente, o Reitor da Universidade do Porto, e nos termos da lei Diretor interino da Faculdade de Letras, Doutor Manuel Correia de Barros Júnior, Professor Catedrático de Engenharia Eletrotécnica, mas também leitor atento de S. Tomás de Aquino e espetador assíduo dos concertos da Juventude Musical Portuguesa (bons tempos...). Presente também o Reitor da Universidade de Coimbra, Doutor Guilherme Braga da Cruz, Professor Catedrático da Faculdade de Direito e nome bem conhecido da historiografia jurídica do nosso século. A sua presença revestia-se aliás de um significado muito especial, uma vez que com ela se pretendia explicitamente afirmar uma reconciliação, afirmar que a *Alma Mater* da Universidade Portuguesa nada tinha a opor ao ressurgimento de uma Escola cuja primeira fase, iniciada em 1919, partira precisamente de uma situação de conflito entre o Governo do tempo e a Universidade de Coimbra (sobre o assunto v. por todos Luís de PINA, *Op. Cit.*, p. 66-73; e mais recentemente: Luís A. de Oliveira RAMOS,

---

<sup>1</sup> Agradeço à Profª Helena Mesquita Pina e à Srª D. Maria Adélia Magalhães a colaboração prestada na recolha de diversos elementos respeitantes à História da Faculdade e dos seus docentes.

«Notas sobre a origem e estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto» [separata do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto], Porto, 1983, pp. 245-60; Victor de SÁ, «Notas sobre o ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto» in *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto]. *História*, II série, III (1986), p. 199-209; e M. Gomes da TORRE, «Dr. Luiz Cardim. Dos liceus para a antiga Faculdade de Letras do Porto», in *Revista da Faculdade de Letras* [da Universidade do Porto]. *Linguas e Literaturas*, II série, IV (1987), p. 279-300). Ora a presença de Braga da Cruz claramente mostrava que tudo isso era passado. E não esqueçamos também que o Ministro da Educação que em 1961 subscrevera o Decreto de restauração da nossa Escola era também um lente de Coimbra e justamente da Faculdade de Letras, o historiador Manuel Lopes de Almeida.

O relato do *Jornal de Notícias* é-nos extremamente útil para avaliarmos das circunstâncias em que a Faculdade renascia. O repórter começa assim por evocar a primeira Faculdade de Letras, a sua breve existência e alguns dos seus vultos mais ilustres. Fala depois da longa campanha pela restauração da Escola, e destaca a esse respeito a ação, a partir dos anos 40, do Reitor Amândio Tavares e do deputado Urgel Horta. Saliencia por último que a nova Faculdade é então, em 1962, uma Faculdade inacabada, reduzida por enquanto às licenciaturas em *História* e em *Filosofia* e ao curso de *Ciências Pedagógicas*. E termina o preâmbulo interrogando-se, discretamente, sobre se não terá sido essa objetiva diminuição a explicar a ausência, durante a cerimónia, de qualquer «evocação válida da vida notável da anterior Escola»; «(...) não se promoveu uma homenagem condigna aos homens ilustres que a frequentaram; como igualmente terão sido olvidados alguns dos que, entretanto, mais contribuíram para o seu ressurgimento».

Então, e só então, o jornalista inicia o relato do que se passou nessa tarde. Começa por apontar as individualidades presentes. Resume a saudação de abertura do Reitor da Universidade. Demora-se circunstanciadamente no conteúdo da lição inaugural do ano letivo, proferida pelo próprio Subsecretário de Estado Carlos Soveral e intitulada «História, Historiografia e Historiologia», texto este que em 1963 seria publicado na revista *Stvdium Generale* e que durante bastantes anos foi trabalho de leitura indispensável aos alunos de *Teoria da História* (Separata, Porto, 1963, col. «Amphitheatrum», nº XIII). Finalmente, o jornalista aponta o número de alunos inscritos nos diferentes cursos: 262 em *Ciências Pedagógicas*; 88 em *História*; e 77 em *Filosofia* (e esclareça-se que de *História* e de *Filosofia* apenas iriam funcionar os respetivos primeiros anos, sendo portanto progressiva a instalação da Faculdade); e termina discriminando a distribuição do serviço docente para o ano letivo de 1962-63.

Detenhamo-nos num dos aspetos do relato jornalístico: o reportório das individualidades presentes na cerimónia. Deixarei obviamente de lado as autoridades civis, militares, eclesiásticas ou marítimas. Centrar-me-ei tão somente nos universitários. Começamos assim por ficar a saber que estavam na sala representantes do Corpo Docente de todas as restantes Escolas da Universidade do Porto; e se alguns o estariam por mera força de cargos como o de Diretor de Faculdade, noutros casos a presença tinha inequivocamente a ver com o interesse que a vida da nova Escola lhes despertava. Falei já da presença

do Reitor; acrescentarei a do Vice-Reitor, Prof. Rodrigo Sarmiento de Beires. Para além destes nomes, os Profs. Arnaldo Madureira, Jayme Rios de Souza, Isidoro Farinas de Almeida, Armando Laroze Rocha e Fernando de Seabra asseguravam a representação das Faculdades de Ciências, Engenharia, Farmácia e Economia. Intencionalmente deixei para o fim («the last but not the least») a Faculdade de Medicina, representada pelo seu Diretor, Prof. António Gonçalves de Azevedo, e por mais dois mestres a que por uma ou outra razão a nova Faculdade muito iria ficar ligada. Caso do Professor Catedrático de *Patologia Cirúrgica* Doutor Fernando Magano, que era um dos membros da Direção do *Centro de Estudos Humanísticos*, organização dependente do Instituto de Alta Cultura e que desde 1947 vinha sendo como que o embrião da Faculdade de Letras (sobre o *Centro de Estudos Humanísticos* e sobre diversas instituições e individualidades ligadas ao restabelecimento da Faculdade de Letras v. por todos António CRUZ, «As bodas de prata da restauração da Faculdade de Letras», in *O Tripeiro*, série nova, ano IV, nº 11-12 (Nov.-Dez. 1985), p. 323-31). E caso, sobretudo, do Professor Catedrático de *Anatomia Patológica* Doutor Amândio Joaquim Tavares, antigo Reitor da Universidade (1945-61) e incansável batalhador pela restauração da nossa Faculdade. Provam-no os relatórios por si lidos nas sessões solenes de abertura dos anos letivos e publicados nos sucessivos números do *Anuário da Universidade do Porto*. E o facto não passaria sem referência nesse dia 26 de outubro. Isto porque, a abrir a sua lição, o Dr. Carlos Soveral se não eximiria a apontar Amândio Tavares como o grande obreiro do empreendimento, «afirmando que graças a este ilustre catedrático e seu antigo reitor, 'a Universidade do Porto é hoje uma Universidade completa!'». Tal referência provocou o que terá sido um dos momentos mais vibrantes da cerimónia. Como escreve o jornalista «calorosas e prolongadas palmas coroaram estas palavras de justiça (...). E tão expressiva foi a manifestação que o Sr. Prof. Dr. Amândio Tavares teve de se levantar do modesto lugar em que se encontrava, para agradecer em atitude também revestida da emoção que o dominava». Assim se prestou homenagem a essa eminente figura da nossa Universidade, a quem eu ainda tive o privilégio de conhecer pessoalmente. Mas não ficavam por aqui as presenças da Faculdade de Medicina; a elas voltarei dentro de instantes.

Entre os presentes o jornalista enumera depois, e naturalmente, os membros do Corpo Docente da nova Escola. Quem constituía então esse primitivo Corpo Docente, que iria, em 1962-63, assegurar o funcionamento dos primeiros anos de *História* e de *Filosofia* e do curso de *Ciências Pedagógicas*? Tendo em conta os dados do relato jornalístico, confrontados com os que nos fornece o *Anuário da Universidade do Porto* para 1962-63, depara-se-nos um «corpus» de 10 individualidades que eu, por deformação investigativa que certamente me relevarão, tratarei segundo o método prosopográfico. Dez individualidades: 6 com a categoria de *encarregado de curso*; mais duas individualidades na categoria de assistente; e, por último, a colaboração, em cadeiras do curso de *Ciências Pedagógicas*, de 2 Professores Catedráticos da Faculdade de Medicina (as tais outras presenças a que há pouco me referia).

Esclarecerei brevemente que a categoria de *encarregado de curso* era algo de transitório, previsto pelo Decreto de agosto de 1961 apenas para os 10 primeiros anos de funcionamento da Faculdade, correspondendo em vencimento à categoria de Professor Extraordinário, mas não podendo os contratados como tal permanecer por mais de 6 anos. O sistema não era novo; fora já aplicado, por exemplo, nos primeiros anos de existência da Faculdade de Economia.

E quem eram então esses 10 primeiros docentes da Faculdade de Letras?

Em *História* tínhamos 4 encarregados de curso: os Drs. António Augusto Ferreira da Cruz, José António Ferreira de Almeida, Carlos Eduardo Bastos de Soveral e Sérgio Augusto da Silva Pinto (e eu já incluo aqui o Dr. Carlos Soveral, dado que em dezembro seguinte cessariam as suas funções no Governo e em janeiro viria ocupar o seu posto na Faculdade, regendo desde então *Teoria da História*). Em *Filosofia* tínhamos os 2 restantes encarregados de curso: o Dr. Eduardo Silvério Abranches de Soveral e o Dr. Luís Ribeiro Soares; a eles se juntavam mais duas pessoas na categoria de assistente, por sinal as primeiras presenças femininas que esta casa teve: as Dr<sup>as</sup> Maria Carmelita Homem de Sousa e Maria Cândida Monteiro Pacheco. Finalmente, e como já referi, a colaboração de 2 professores de Medicina nas *Ciências Pedagógicas*: o Doutor Luís José de Pina Guimarães em *Psicologia* (e este professor, também membro de Direção do *Centro de Estudos Humanísticos*, iria ser, até 1965, o delegado do Reitor junto do Corpo Docente); e o Doutor Júlio Machado de Sousa Vaz, em *Higiene Escolar*.

De onde vinham e por onde tinham passado estes docentes? Aos respetivos «currícula» formulei basicamente três quesitos:

- o ano do nascimento;
- a formação recebida ao nível da licenciatura, incluindo o local e a especialidade;
- e a experiência profissional prévia, nomeadamente quanto à docência universitária anterior noutras Escolas.

A estes quesitos acrescentei os informes apurados quanto à eventual sequência de carreiras, no rumo do doutoramento ou da cátedra. De todas as indagações resultou o quadro que adiante se apresenta.

Começando pelo nível etário, constatamos rapidamente que a imagem que esse primitivo Corpo Docente nos dá é a da maturidade: com efeito, dos 10 professores em causa 7 ultrapassaram já a barreira dos 40 anos e 6 deles a idade de 45; a máxima veterania cabe a Luís de Pina, já na casa dos 60 anos; António Cruz e Júlio Machado Vaz estão na casa dos 50, e Ferreira de Almeida, Sérgio Pinto, Carlos Soveral e Ribeiro Soares na dos 40; na casa dos 30 situa-se isolado Eduardo Soveral; e a maior juventude cabe precisamente às duas presenças femininas, já que tanto Maria Carmelita Homem de Sousa como Maria Cândida Pacheco se localizam na casa dos 20.

Que direi da formação básica destes docentes?

Os 2 professores de Medicina eram obviamente, e à partida, médicos, diplomados pela Universidade do Porto. Os 8 restantes eram, naturalmente, licenciados em Ciências Histórico-Filosóficas por uma das duas Faculdades de Letras preexistentes: de Lisboa eram assim originários Ferreira de Almeida, Ribeiro Soares, Carlos Soveral, Maria Carmelita Homem de Sousa e Maria Cândida Pacheco, enquanto que de Coimbra provinham António Cruz, Eduardo Soveral e Sérgio da Silva Pinto.

Quanto a experiência profissional prévia, temos antes de mais a considerar que 6 dos 10 nomes ostentavam já passagens pela docência universitária. Os 2 professores de Medicina encontravam-se aliás no cume de carreiras longas na respetiva Faculdade, onde Luís de Pina se iniciara em 1927 e Machado Vaz em 1934. Uma longa experiência de Ensino Superior a possuía também Ferreira de Almeida, que desde 1940 era professor contratado da Faculdade de Letras de Lisboa, aí se tendo doutorado em 1953. Na Faculdade de Letras de Lisboa tinham também ensinado, embora não tão longamente, Luís Ribeiro Soares e Eduardo Soveral, tendo este último passado ainda pela carreira diplomática. Finalmente, Carlos Soveral fora leitor de Português nas Universidades de Barcelona e de Santiago de Compostela.

Relativamente a outras experiências profissionais dignas de registo, direi:

- Que António Cruz era Diretor prestigiado da Biblioteca Pública Municipal do Porto e detentor de obra vasta, onde se destacava naturalmente a temática portuense;
- que Sérgio da Silva Pinto era bibliotecário da Faculdade de Economia do Porto e professor da Escola do Magistério Primário de Braga; estivera também ligado à redação da revista *Bracara Augusta* e era autor de diversos trabalhos, com especial incidência no reino dos Suevos (sobre o assunto colaboraria até no *Dicionário de História de Portugal*);
- que Maria Carmelita Homem de Sousa era psicóloga do Instituto Navarro de Paiva;
- e que Maria Cândida Pacheco provinha do Ensino Secundário particular.

A maior parte destes docentes prosseguiria a respetiva carreira até ao topo. Com efeito, quer António Cruz, quer Eduardo Soveral, quer Ferreira de Almeida, quer Maria Cândida Pacheco, quer Maria Carmelita Homem de Sousa todos chegariam a Professores Catedráticos da nossa Faculdade, tendo sido António Cruz o primeiro Diretor efetivo, entre 1970 e 1974. Dos restantes Sérgio da Silva Pinto viria a ser ceifado por uma morte prematura, enquanto que Luís Ribeiro Soares e Carlos Soveral prosseguiriam ulteriormente carreira, durante algum tempo, na Universidade de Lourenço Marques.

| <b>Carreira / Docentes</b>              | <b>Ano de nascimento</b> | <b>Licenciatura</b> | <b>Docência universitária prévia</b> | <b>Outra experiência profissional prévia</b>   | <b>Doutoramento (local, ano)</b> | <b>Cátedra (local, ano)</b> |
|---|--------------------------|---------------------|--------------------------------------|--|----------------------------------|-----------------------------|
| Ferreira de Almeida                     | 1913                     | FLUL                | FLUL (1940 ss.)                      |  | FLUL (1953)                      | FLUP (1972)                 |
| Sérgio Pinto                            | 1915                     | FLUC                |                                      | Bibl. Fac. Econ. Porto; Escola Magistério Primário Braga; Redacção «Bracara Augusta» |                                  |                             |
| António Cruz                            | 1911                     | FLUC                |                                      | Director da Biblioteca Municipal do Porto (1940 ss.)                                 | FLUP (1964)                      | FLUP (1969)                 |
| Carlos Soveral                          | 1920                     | FLUL                | Barcelona, Santiago de Compostela    |  |                                  |                             |
| Eduardo Soveral                         | 1927                     | FLUC                | FLUL (1960 ss.)                      | Ministério dos Negócios Estrangeiros   | FLUP (1966)                      | FLUP (1970)                 |
| L. Ribeiro Soares                       | 1914                     | FLUL                | FLUL (1952 ss.)                      |  |                                  |                             |
| M <sup>a</sup> Carmelita Homem de Sousa | 1934                     | FLUL                |                                      | Psicóloga (Instituto Navarro Paiva)  | FLUP (1974)                      | FLUP (1979)                 |
| M <sup>a</sup> Cândida Pacheco          | 1935                     | FLUL                |                                      | Ensino Secundário Particular (Coimbra)   | FLUP (1974)                      | FLUP (1984)                 |
| Luís de Pina                            | 1901                     | FMUP                | FMUP (1927 ss.)                      |  | FMUP (1930)                      | FLUP (1944)                 |
| Júlio Machado Vaz                       | 1909                     | FMUP                | FMUP (1934 ss.)                      |  | FMUP (1940)                      | FLUP (1960)                 |

O que me parece assim óbvio é que no recrutamento do primitivo Corpo Docente terá havido especiais cuidados, no sentido de garantir a contratação de individualidades de proveniências várias e que pelo seu «currículo» prévio dessem garantias de qualidade pedagógica e científica. A este respeito não deixarei sem mais um comentário o recrutamento das Dr<sup>as</sup> Maria Carmelita Homem de Sousa e Maria Cândida Pacheco. Isto na medida em que se tratou das duas primeiras manifestações de uma tendência a ter continuidade futura, a tendência para recrutar alguns dos melhores produtos da Faculdade de Letras de Lisboa dos anos 50, ou seja, de uma fase áurea do respetivo curso de *Ciências Histórico-Filosóficas*. Tal tendência teria continuidade logo nos anos subsequentes, com o recrutamento dos Drs. Luís de Oliveira Ramos, Flório Vasconcelos, Luís Souto Gonçalves, Álvaro Penedos, Jorge Henrique Pais da Silva e José Vieira de Carvalho; e voltaria a manifestar-se nos anos 70, com o recrutamento dos Drs. Humberto Baquero Moreno e Orlando Janeiro Romano. Quase todos vieram a ser membros destacados de uma geração que aos departamentos de *História, Filosofia e Psicologia* de diversas Universidades portuguesas e brasileiras daria numerosos vultos eminentes. Para além disto, o elenco poderia ter sido até mais diversificado, se a conjuntura política não tivesse levado o Governo de então a excluir do concurso documental para *encarregados de curso* nomes como os de Joel Serrão, Joaquim Barradas de Carvalho ou João Benard da Costa, isto conforme se pode ler nas páginas 95 e 97 do *Anuário da Universidade do Porto* referente a 1961-62. De qualquer sorte, o que se pode concluir é que os docentes então recrutados corresponderam plenamente às expectativas que neles foram depositadas.

Por outro lado, a Faculdade começava a sua vida recolhendo contributos humanos da maior parte das restantes Escolas da Academia Portuense:

- referi já a ação do Reitor Amândio Tavares na restauração da casa;
- os interesses humanísticos do Reitor Correia de Barros que, conforme também disse, era o Diretor interino;
- a colaboração nas *Pedagógicas* de 2 professores de Medicina, um dos quais iria ser o delegado do Reitor;
- e a anterior condição de Bibliotecário da Faculdade de Economia de Sérgio da Silva Pinto.

Acrescentarei:

- que a Bibliotecária Dr<sup>a</sup> Celeste Paradela provinha da Biblioteca da Faculdade de Engenharia;
- e que os funcionários Srs. José Pinto e José da Costa Ferreira transitavam dos quadros das Faculdades de Ciências e de Medicina, respetivamente.

Medicina, Ciências, Engenharia, Economia: quatro Escolas preexistentes que com a nova Faculdade cooperavam ou lhe cediam quadros. Se a isto acrescentarmos o já referido recrutamento de diplomados distintos pelas Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa, penso que não serei excessivamente voluntarista se concluir que a nossa Escola nascia em condições tais que pareciam pretender ser a reafirmação explícita da conclusão da conferência de Istambul de 1955, reproduzida no Decreto de 1961,

e que citei a abrir, acerca da solidariedade, que não da rivalidade, da História, das Ciências, das Humanidades.

Foi assim há 50 anos. Como foi depois?

Por certo terão notado que em 1962 um motivo de inequívoco desapontamento para quantos haviam apostado no ressurgimento da Faculdade - e disso o jornalista se fazia eco - residia na diminuição curricular da Escola face quer à que a precedera, quer às suas congéneres de Coimbra e Lisboa. Ora essa diminuição iria ser quase totalmente solucionada ao longo dos 10 anos subseqüentes. Assim, e enquanto os Cursos 'fundadores' de *História* e *Filosofia* iam entrar em funcionamento os sucessivos anos curriculares, até ao 5.º e à produção de licenciados, ia também surgindo a maior parte das outras licenciaturas que compunham o quadro das Faculdades de Letras nos anos 50 e 60:

- A *Filologia Românica* em 1969; e ao seu arranque ficou ligado o nome da Profª Maria de Lurdes Belchior, que nesta casa ascendeu à categoria de Professora Catedrática, sendo a primeira figura feminina a consegui-lo;
- em 1972 a *Filologia Germânica* (pela mão da Profª Maria Manuela Campos e do Dr. António Franco) e a *Geografia* (pela mão da Drª Rosa Fernanda Moreira da Silva).

Ou seja, em 10 anos a Escola ficou, quanto ao elenco das licenciaturas professadas, praticamente equiparada às suas congéneres. E era precisamente em 1972 que, com um Corpo Discente já na casa dos milhares, a jovem Faculdade se convertia na mais populosa de todas as da Universidade portuense.

Voltando ao enriquecimento curricular destacaria ainda, mais próximo de nós, já nos anos 80, a criação da licenciatura em *Sociologia* (ao respetivo arranque ficando ligado o nome do Prof. Teixeira Fernandes), da pós-graduação em *Ciências Documentais* (pela mão do Prof. José Marques) e dos mestrados vários em *Literaturas Românicas*, *Linguística*, *Filosofia* e *História*; sem esquecer por último, e a partir de 1978, a diversificação das combinatórias em *Linguas* e *Literaturas Modernas* e a criação das variantes de *Arqueologia* e de *História da Arte* no Curso de *História*.

Aumento de cursos, aumento de discentes em conjunturas várias de crescimento acelerado da população estudantil, o qual foi uma constante nos anos 60 e parte dos 70. Necessariamente, embora não concomitantemente, aumento (e rejuvenescimento) dos docentes: dos simples 10 de 1962-63 passou-se para os cerca de 174 da atualidade, entre os quais 141 ostentando o grau de doutor e 24 na situação de *Professor Catedrático*. Crescimento pois do Corpo Docente, quantitativa e qualitativamente, mercê de uma política, acelerada nos últimos anos, de dinamização da obtenção dos graus académicos superiores.

Não respondendo, talvez, diretamente à questão, direi que desde muito cedo os estudantes formados por esta casa se começaram a impor no mercado de trabalho que *era* o Ensino Secundário. Até meados dos anos 70 aquilo a que hoje se dá o nome de profissionalização, e que nesse tempo dava pelo nome de Estágio Pedagógico, era coroado por uma prova temível denominada Exame de Estado. Ora, já nos

alvores dessa mesma década de 70, os nossos licenciados não raro obtiveram em tal exame as primeiras classificações à escala nacional, provocando o natural júbilo do Diretor de então, Prof. António Cruz.

Quem em 1962 poderia imaginar que uma década decorrida os diplomados pela casa teriam já alcançado tal estatuto? E quem em 1962 poderia imaginar que meio século mais tarde o Corpo Docente, para lá da referida dimensão numérica, contaria com um tal elenco de individualidades, cotadas dentro e fora de fronteiras nas áreas científicas que seriam as suas? Numa palavra, quem poderia imaginar que com tal rapidez e tão aparente facilidade esta Escola se colocaria a par das suas congéneres?

Aqueles que me estão a ler poderão por certo pensar que eu estou traçando um quadro *idílico* da vida desta casa. Ora é evidente que as coisas não foram assim tão fáceis. Se algum dia alguém se decidir a escrever as «Memórias» da instituição por certo muito se aprenderá acerca da vida da Escola, nesses anos 60 e princípios de 70, acerca das titânicas lutas que, na Universidade, na cidade, na região Norte ou na Universidade portuguesa tiveram que ser travadas para que a Faculdade pudesse efetivamente ocupar o lugar que hoje é, e de há muito, o seu.

Porque dentro do «drama» da Faculdade - e entendendo aqui «drama» exatamente como Carlos Soveral na sua lição de há 50 anos, «no preciso e radical sentido de ação, movimento coletivo, discurso no tempo, dialéctica temporal» - dentro do «drama» da Faculdade, dizia eu, muitos pequenos e grandes 'dramas' se foram desenrolando; e alguns haverá, ainda que brevemente, que ter em conta.

O 'drama' das instalações, por exemplo. O modo como uma Escola a que tinha sido destinado o antigo edifício da Faculdade de Medicina acabou afinal por se ver limitada ao piso 11 do mesmo edifício, partilhando o resto do espaço com as Faculdades de Ciências e de Engenharia, e mais pontualmente com Economia e Belas-Artes, e ainda com as sedes do Orfeão Universitário e do Teatro Universitário e com uma cantina... tudo isso seria LONGO de contar. Mas não era apenas, naquela casa do Largo da Escola Médica, um problema de espaço físico: era também um problema de *ambiente*. Isto dado que a vizinhança conjugada da referida cantina e das cavaliariças do contíguo quartel da Guarda Nacional Republicana provocava não raro uma poluição atmosférica de níveis por certo muito superiores aos tolerados pela União Europeia, a que hoje pertencemos. 'Drama' de instalações que, face à plétora de cursos e de alunos, levaria, a partir de 1972, a uma dispersão, colocando a Escola pela cidade em várias casas repartida: foi assim que o Curso de *Filosofia* se deslocou para o Palacete Burmester; o Curso de *Filologia Germânica* para o edifício da Rua das Taipas; e o Curso de *História* para o antigo Seminário de Vilar. Em 1977 seria o reagrupamento na R. do Campo Alegre e, em 1995, a mudança para o presente edifício.

O 'drama' dos orçamentos, por outro lado. Nunca esta Faculdade conheceu um regime de instalação como o que viriam a ter as novas Universidades nascidas na década de 70.

O 'drama' das condições de trabalho de muitos dos elementos do Corpo Docente, não raro forçados a dar aulas em salas superlotadas, a ter de corrigir por ano centenas e centenas de provas, por vezes com

várias regências simultâneas, por vezes, também, mudando de cadeira de ano para ano... e ao mesmo tempo tendo que progredir na respetiva investigação, no rumo das provas curricularmente obrigatórias.

Os 'dramas', grandes e pequenos, dos anos que precederam a mudança de regime e dos que imediatamente se lhe sucederam.

Há 50 anos uma Escola procurava tão somente *ser*. Ao longo deste meio século uma Escola *foi-o* sendo, maugrado todas as vicissitudes.

Do que procurou *ser* e do que *foi sendo* lhes tentei eu, tão brevemente quanto possível, dar notícia. A Faculdade de Letras da Universidade do Porto efetivamente *tem-no sido*, por força da vontade de quantos aqui estudam, ensinam, investigam, trabalham. Ouso afirmar que por virtude do mesmo pressuposto a Faculdade o *continuará a ser*.

Se do que a Faculdade quis *ser* e do que *foi sendo* eu algo lhes disse, já do que possa vir a *ser* nada direi. Limitar-me-ei a fazer minhas palavras do Universitário exemplar e Homem de todos os tempos que foi Vitorino Nemésio. Assim, sobre o que a Faculdade de Letras possa vir a *ser* «- Diremos amanhã... - Pois quem pode afirmar que isto não continua?» (Vitorino NEMÉSIO, «Última Lição» in *Vitorino Nemésio. Estudo e antologia*, ed. Maria Margarida Maia GOUVEIA, Lisboa, 1986, p. 450).